

APRESENTAÇÃO

O Brasil e Portugal distanciam-se irremediavelmente um do outro e só se unem na hora do rito bárbaro da reforma ortográfica.

ANTONIO CALLADO

Reúne-se aqui um pequeno número de textos oriundos de diferentes eventos de Extensão Universitária promovidos, nos últimos anos, pelo Subsetor de Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFGRS, ou de eventos de que o Subsetor participou.

O espírito da presente iniciativa corresponde ao sentido que esse Subsetor vem tentando imprimir a suas atividades acadêmicas. Com efeito, no Brasil e hoje, promover o conhecimento e a valorização da cultura e da literatura portuguesas (assim como o das culturas e literaturas luso-africanas, ou, ainda, o de assuntos relativos aos núcleos de língua portuguesa que, sem base nacional, espalham-se pelo mundo) tem uma razão específica e estranha a quaisquer posturas neocolonialistas: trata-se da necessidade de se promover a integração do mundo lusofônico, o que não se fará sem a formação de uma "consciência da lusofonia".

E a lusofonia é o tema de dois artigos centrais nesta coletânea: o meu próprio, que discute vários aspectos da questão, propondo a integração e propugnando pela formação da referida consciência, e o da eminente lingüista portuguesa Maria Helena Mira Mateus, que centra essa mesma discussão na questão da língua — central também no meu artigo —, tratando da unidade na variação; a qual, sendo antes de tudo um fato a constatar, é também a fórmula válida da integração a ser buscada. Trata-se aí, portanto, de uma política da língua, cuja necessidade o artigo anteriormente citado também postula.

Outros dois artigos abordam, igualmente, a questão lingüística, a que não se resume à da lusofonia, mas que é obviamente, em relação a ela, central e básica. O de Bethania Mariani e Tânia de Souza detém-se num ponto já levantado em "A questão da lusofonia", que abre a coletânea: o da "língua brasileira", trazido à baila, como se sabe, na fase de afirmação nacional correspondente à independência política e ao romantismo literário brasileiros e retomada quando da "revolução" modernista dos Anos 20. De certa forma, esse artigo dialoga "dialeticamente" com posições enunciadas em "A questão da lusofonia" e, mesmo, com o espírito da proposta mencionada aqui no início. O fato de ainda se poder discutir a questão da "língua brasileira" — que, à luz dos estudos lingüísticos, especialmente, da

Assim, pode-se constatar que a orientação impressa pelo Subsetor de Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas a suas atividades académicas há já algum tempo insere-se no curso das tendências históricas.

No momento em que este número se fecha — abrindo-se, com isso, esperamos, um amplo debate sobre a questão central aqui trazida —, informa a imprensa que terá lugar em Lisboa, no próximo mês, uma reunião do Fórum da Lusofonia, criado no ano passado; reunião que, com a contribuição de mais de mil e quinhentas pessoas de diversos países, discutirá "a cooperação sócio-cultural e económica, a solidariedade social" dos países de língua portuguesa e a integração dos núcleos lusofónicos sem base nacional. (Sem dúvida, a Galícia estará presente, reivindicando sua inclusão no bloco da lusofonia).

Partindo-se aqui de um pressuposto: a indissociabilidade de língua, cultura e literatura, e considerada a segunda como englobante, encerta esta coletânea um panorama sintético da cultura portuguesa — no caso, a contemporânea — cujo autor é António Braz Teixeira, que foi o enviado do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (atual Instituto Camões) a um dos eventos referidos acima. O então Diretor da Rádio Televisão Portuguesa enuncia uma hipótese interessante, segundo a qual a cultura (no sentido restrito) portuguesa estaria hoje vivendo uma fase neo-romântica.

Nesse mesmo "bloco literário", são abordados outros dois autores a serem também indispensavelmente citados, em se tratando de literaturas em língua portuguesa: Eça de Queiroz e Fernando Pessoa. Ambos mantêm com a língua uma relação estreita, para além do simples fato de terem escrito em português: Eça, na sucessão de Camões e antes do grande Aquilino Ribeiro (infelizmente, quase desconhecido no Brasil), proporcionando-lhe um de seus momentos mais esplêndidos, malgrado as acusações de "francêsismo"; Pessoa, não só logrando o mesmo na poesia — com maior fidelidade à idiossincrasia castiga, segundo estudiosos —, mas, também, deixando-nos a afirmação que poderia ser uma espécie de lema da proposta de integração lusofónica, ou seja, a de que sua pátria era a língua. O primeiro é estudado através de uma de suas obras por Ana Maria Filipowski, na perspectiva teórico-metodológica que é a sua e em que se atribui particular importância ao leitor e às leituras. O segundo, revisito por Marinho Klausberger através de uma explicação de texto, intervem com uma verdadeira proposta de teoria poética na síntese de um de seus mais conhecidos poemas.

decisivas.

Literário, mas que teve sobre a literatura de que se trata aqui repercussões Literária de Portugal insular; marco esse extrínseco, relativamente ao cronológico-político escolhido por Assis Brasil para sua abordagem da história do "império" que deu seu último suspiro, precisamente, no marco representativo um dos setores mais expressivos — e a reflexão sobre resultados feminina — que, na produção literária contemporânea de Portugal, esse artigo, entram nessa coletânea, no mesmo tempo, a expressão

Justiana, a que se deve originariamente a da língua portuguesa. Assim, com escritora pouco conhecida no Brasil, relacionar-se à questão da expansão literária contemporânea, apresenta a particularidade de, ao abordar obra de Quanto à análise que faz Henrique Avila, também no âmbito da para suas então colônias (embora de outra forma denominadas).

literatura dos Açores após 1974, data histórica, tanto para Portugal, quanto Assis Brasil — que já se tornou um especialista na matéria — versa sobre a qual nunca se desligou. O outro, de autoria do escritor Luiz Antonio de em língua portuguesa: Antero de Quental, originário desse arquipélago, do mais importantes da história literária portuguesa e, mesmo, das literaturas — o de Valesca de Assis — trata de aspectos biográficos de um dos nomes cultural, lingüística e literária nacional portuguesa. Um desses dois artigos particularidades, pode ser considerado uma subvariante dentro da variante Portugal não-continental, os Açores, que, certamente, por suas essa e a língua. Além disso, deles, dois se referem a um território de porque tratam de literatura; e seria supérfluo afirmar a solidariedade entre conhecimento mútuo dos vários "segmentos" da lusofonia —, mas, também, desses artigos tem aqui o mesmo sentido dos outros — promover o mantêm uma relação de coerência com o primeiro. Não só porque a presença

O outro bloco de contribuições de vários autores a esta coletânea assunto em causa, por ocasião de um dos eventos acima citados.

temas fez o mestre António Houaiss, figura de proa sempre que se tratar do Infelizmente, não se pôde obter por escrito a abordagem que desses

políticas.

entrecruzam posições racionalmente justificáveis e razões ideológico-Autor mostra guão nevrálgica é essa questão, como *topos* onde se dirão que o português veio do brasileiro" — um habitante dos Açores), o ICALP, atual Instituto Camões) e portugueses açorianos ("Os nossos netos saudado como a consagração da lusofonia" — F. Cristovão, ex-Presidente do atos culturais e políticos mais relevantes dos últimos anos e pode ser vocabulário da língua"), portugueses continentais ("O Acordo marca um dos Houaiss: "A unificação da ortografia não implica a uniformização do dominamos." — Jacinto Veloso, ministro moçambicano), brasileiros (A. A. também nos insulanos mais rapidamente e com mais veemência porque o africanos ("Se nos entendemos mais depressa por falarmos o mesmo idioma, o seu artigo e que foram para cá deslocadas. Com efeito, citando luso-reações se configuram na sucessão de epígrafes de que o Autor fez preceder vezes — pode também ele despertar: a questão ortográfica. Tais visões e com a genuína integração lusofónica, mas que talvez lhe venha fazendo as contritantes que um aspecto secundário da questão — o qual nada tem a ver Sache, parece comprovar isso, na medida em que mostra as reações certo, a origem de seu caráter nevrálgico. O outro artigo, de Celestino movimentaria níveis aparentados ao ideológico e, até, ao político. Essa é, por noção de "variante", poder-se-la considerar superada — mostra como ela

Resta agradecer aos colaboradores deste número, à Direção desta revista, que acolheu a idéia de organizá-lo, e à sua Secretária, por seu interesse e sua competência.

Porto Alegre, outubro de 1994
Maria Luiza de Carvalho Armando
Organizadora